

HARUKI MURAKAMI

1Q84

Livro 1

Tradução

Maria João Lourenço

Maria João da Rocha Afonso



casadasletras

AOMAME

Não se deixe iludir pelas aparências

A rádio do táxi estava sintonizada numa estação em FM e transmitia música clássica. A *Sinfonietta* de Janáček. Não se podia dizer que fosse a obra ideal para ouvir no meio de um engarrafamento. O taxista também não parecia dar grande atenção ao programa. Homem de meia-idade, contentava-se em observar calado a interminável fila de carros, estendendo-se diante dele, na passagem superior da autoestrada, como um pescador veterano que, de pé na proa do seu barco, interpreta os sinais ameaçadores na linha de convergência de duas correntes marítimas. Bem recostada no assento traseiro, de olhos fechados, Aomame escutava a música.

Quantas pessoas no mundo saberiam identificar aquela peça, aos primeiros acordes, como sendo a *Sinfonietta* de Janáček? A resposta deverá andar entre «muito poucas» e «quase nenhuma». Mas, por qualquer razão, Aomame era uma das poucas habilitadas para o fazer.

Janáček escreveu a sua pequena sinfonia em 1926. O tema foi por ele composto, originalmente, como uma fanfarrinha para uma competição desportiva. Aomame imaginou a Checoslováquia no ano de 1926¹. A Primeira Guerra Mundial havia terminado, e o país libertara-se, por fim, do longo reinado da Casa de Habsburgo.

¹ Ano em que se realizou o Campeonato Mundial de Ginástica, na cidade de Praga, atualmente República Checa. (N. das T.)

As pessoas bebiam cerveja *pilsner* nos cafés, produziam elegantes metralhadoras ligeiras e saboreavam a paz efémera que se instalara na Europa. Dois anos antes, Franz Kafka tinha abandonado este mundo na mais completa obscuridade. Pouco depois surgiria Hitler, vindo do nada para, num abrir e fechar de olhos, devorar aquele pequeno e belo país, sem que as pessoas soubessem que ia acontecer algo de tão terrível. Talvez seja esta a mais importante lição que a História ensina: «À época, ninguém podia saber o que o futuro lhes reservava.» Com a música de Janáček nos ouvidos, Aomame imaginou o vento ameno soprando através das planícies da Boémia, enquanto meditava sobre as vicissitudes da História.

No Japão, corria o ano de 1926; o imperador Taishō morreu, e deu-se início à transição para a Era Shōwa. Também neste país se anunciavam tempos terríveis, e começou então uma época obscura. O breve interlúdio em que modernismo e democracia tinham desempenhado o seu papel estava prestes a terminar, cedendo terreno ao fascismo.

A História, juntamente com o desporto, era uma das paixões de Aomame. Lia poucos romances, mas nunca se cansava de obras históricas. O que lhe agradava na História era o facto de todos os acontecimentos estarem relacionados com determinadas épocas e lugares concretos. Não tinha qualquer dificuldade em recordar-se das diferentes datas. Mesmo que não se esforçasse por memorizar uma efeméride, bastava relacionar os diversos factos para que as datas lhe viessem automaticamente à cabeça. Nos exames de História, tanto no colégio como no liceu, obtivera sempre as notas mais altas da turma. Estranhava quando ouvia alguém dizer que tinha dificuldade em decorar datas. Como é que uma coisa tão simples podia constituir um problema?

Aomame² era o seu verdadeiro nome. O avô paterno nascera na prefeitura de Fukushima, e dizia-se que ali, naquelas pequenas

² Aomame significa ervilha (e ervilha-verde), para além de designar uma variedade de soja-verde. (N. das T.)

povoações e aldeias escondidas no meio da montanha, havia uma grande quantidade de pessoas com apelido idêntico. Que é como quem diz, um nome escrito com os caracteres que significam «ervilha-verde» e pronunciado com as mesmas quatro sílabas, «Ah-oh-mah-meh». Porém, ela nunca ali tinha estado. Antes do seu nascimento, o pai cortara relações com a família, e o mesmo acontecera com a mãe, por isso, Aomame não chegara a conhecer os avós. Viajava pouco, mas, nas raras ocasiões em que se encontrava numa cidade estranha ou num local obscuro, tinha por hábito abrir a lista telefónica para averiguar se na zona havia alguém chamado Aomame. Até à data, nunca encontrara uma única pessoa com esse nome, e, de todas as vezes que voltava a tentar e a experiência não dava em nada, sentia-se como uma naufraga solitária perdida na imensidão do oceano.

Dizer o seu nome era sempre uma experiência desagradável. Assim que o pronunciava, as pessoas ficavam com uma expressão de espanto ou olhavam-na desconcertadas.

– Aomame?

– Sim. Escreve-se como se fosse «ervilha-verde».

Sempre que uma empresa a contratava, mandavam as regras que apresentasse aos clientes o seu nome impresso nos cartões de visita, o que só contribuía para piorar a situação. As pessoas olhavam fixamente para o cartão como se ela tivesse acabado de lhes entregar uma carta anunciando alguma desgraça. Quando dizia o apelido ao telefone, já lhe acontecera por mais de uma vez ouvir risos abafados. Se chamavam por ela na sala de espera de um consultório médico ou de uma repartição pública, os presentes erguiam a cabeça e punham-se a olhar, curiosos por descobrir que cara poderia ter alguém que respondia pelo nome de «Ervilha-Verde».

Volta e meia, havia quem percebesse mal o nome da planta e lhe chamasse «Edamame» ou «Soramame»³, altura em que ela própria tomava a iniciativa de corrigir delicadamente o seu inter-

³*Edamame* significa vagem de soja-verde, outro tipo de legume verde muito utilizado na preparação de bebidas alcoólicas, e *Soramame*, fava (*Vicia faba*). (N. das T.)

locutor: «Não, não é soja-verde nem fava, mas anda lá perto; é ervilha. Aomame.» Quantas vezes tinha escutado a mesma cantilena ao longo da vida? Trinta anos a ouvir as mesmas piadas gastas à custa do seu nome. A sua existência poderia ter sido totalmente diferente, quem sabe?, se não tivesse nascido com esse nome. Com um apelido mais vulgar, como Sato, Tanaka ou Suzuki, talvez pudesse levar uma existência mais descontraída e encarar as pessoas que a rodeavam com um pouco mais de tolerância. É possível.

De olhos fechados, Aomame concentrou-se na música, deixando que a perfeita harmonia produzida pelo unísono dos metais invadisse o interior da sua cabeça. Só então se deu conta de que a qualidade do som era demasiado boa para um rádio que habitualmente uma pessoa vê nos táxis. Apesar de o volume estar bastante baixo, o som chegava-lhe com profundidade, e as harmonias eram claramente audíveis. Abriu os olhos, inclinou-se e observou o equipamento estereofónico encastrado no painel de instrumentos. O aparelho era preto-azeviche e refulgia com um brilho que transmitia orgulho. Não dava para ler o nome do fabricante, mas tratava-se, sem dúvida, de um produto de tecnologia avançada, a começar na quantidade de botões e a acabar nos números digitais verdes que se destacavam no painel. Uma empresa de táxis normal não se daria ao luxo de equipar a sua frota com um sistema de som tão sofisticado.

Aomame olhou à sua volta e inspecionou de novo o interior do veículo. Demasiado perdida nos seus pensamentos desde que entrara no carro, só então reparou que aquele não era um táxi vulgar. A qualidade dos acabamentos saltava à vista, e o assento não podia ser mais confortável. Acima de tudo, era silencioso. O carro muito provavelmente devia ter um isolamento especial, que mantinha os ruídos exteriores afastados, ao ponto de parecer um estúdio musical à prova de som. Podia dar-se o caso de o motorista ser ele próprio dono do táxi. Numerosos condutores de táxis privados não se poupam a meios para manter a sua viatura devidamente artilhada. Aomame procurou com o olhar a placa de identificação do taxista, mas não a encontrou. E, no entanto, aquele não parecia um táxi ilegal, sem licença. Possuía um taxí-

metro regulamentar, que marcava a tarifa devida. Até ali, tinha a pagar 2150 ienes. O que não impedia que a placa com o nome do motorista não se visse em parte alguma.

– Belo carro – observou Aomame, falando para as costas do motorista. – Bastante silencioso. De que marca é?

– Um *Toyota Crown Royal Saloon* – respondeu o condutor, lacónico.

– A música ouve-se com grande nitidez.

– É uma viatura muito silenciosa. Foi também por essa razão que a escolhi. Em matéria de insonorização, a Toyota possui uma das melhores tecnologias.

Aomame concordou com a cabeça e tornou a recostar-se no assento. Havia algo no motorista que a incomodava, como se, ao falar, deixasse qualquer coisa de importante por dizer. Por exemplo (e não passa de um exemplo), a observação relativa ao impecável sistema de insonorização da Toyota parecia querer dar a entender que haveria *um outro* aspeto da marca passível de apresentar falhas. E depois, ao acabar a frase, ficou um pequeno fragmento de silêncio a flutuar no espaço reduzido do veículo, como uma nuvem imaginária em miniatura. Por causa disso, Aomame sentiu-se inquieta sem saber porquê.

– É, de facto, um carro silencioso – declarou Aomame, a fim de dissipar aquela pequena nuvem. – E a aparelhagem tem aspeto de ser artigo de primeira.

– Garanto-lhe que não foi uma decisão fácil de tomar – disse o motorista, num tom de voz que fazia lembrar o de um oficial reformado do Estado-Maior a explicar alguma operação do seu passado militar. – Uma vez que passo tantas horas enfiado aqui dentro, faço questão de ter o melhor som possível. Além disso...

Aomame ficou à espera do que o homem tinha para dizer, mas não houve continuação. Voltou a fechar os olhos e concentrou-se na música. Desconhecia que tipo de pessoa era Janáček, mas de uma coisa estava certa: o compositor não podia imaginar que a obra por ele criada seria escutada em 1984, no interior de um *Toyota Crown Royal Saloon*, na autoestrada metropolitana de Tóquio.

Em todo o caso, interrogou-se Aomame, o que a teria levado a reconhecer logo a peça e a identificá-la como sendo a *Sinfonietta* de Janáček? E como sabia ela que fora composta em 1926? Não era grande fã de música clássica, nem se podia dizer que tivesse alguma recordação pessoal relacionada com Janáček. Apesar disso, no momento em que escutou os acordes iniciais, foi como se todo o seu conhecimento da peça lhe viesse à mente, de forma automática. Como se um bando de pássaros entrasse a voar numa sala por uma janela aberta. Além do mais, aquela música transmitia-lhe uma sensação estranha, dilacerante, equivalente a uma «torção» interna. Sem que associado a ela houvesse dor ou mal-estar, mas apenas a impressão de que todos os elementos do seu corpo estavam a ser fisicamente comprimidos e retorcidos. Aomame não fazia ideia do que se passava com ela. Por que motivo lhe causaria a *Sinfonietta* aquela sensação inexplicável?

– Janáček – murmurou Aomame de um modo meio inconsciente. No momento em que a palavra saiu dos seus lábios, sentiu vontade de não o ter feito.

– Como disse?

– Janáček. O homem que compôs esta obra.

– Nunca ouvi falar.

– Um compositor checo.

– Ah, sim? – comentou o motorista, impressionado.

– É dono deste táxi? – perguntou Aomame, na esperança de mudar o rumo da conversa.

– Sou – respondeu o condutor. Após uma breve pausa, acrescentou: – É um táxi privado. A minha segunda viatura.

– Os assentos são muito confortáveis.

– Obrigado, minha senhora. A propósito – perguntou ele, virando um bocadinho a cabeça na direção dela –, está com pressa?

– Tenho encontro marcado em Shibuya. Por isso é que lhe pedi para apanhar a autoestrada metropolitana.

– A que horas é o seu encontro?

– Quatro e meia.

– Bom, já são quatro menos um quarto. Não vamos chegar a tempo.

– O engarrafamento é assim tão grande?

– Deve ter havido algum acidente grave mais à frente. Este trânsito todo não é normal. Estamos praticamente sem avançar há já algum tempo.

Aomame estranhou o facto de o motorista não escutar as informações de trânsito via rádio. Chegados àquele ponto, a autoestrada transformara-se num interminável para-arranca. O normal seria o condutor estar atento à frequência especial com informações exclusivas para os taxistas.

– Como é que sabe que houve um acidente, se não tem acesso a informações de trânsito? – perguntou Aomame.

– Não nos podemos fiar neles – disse o condutor, num tom desprovido de emoções. – Metade do que dizem é mentira. A Empresa Nacional de Estradas só passa a informação que lhe convém. Quem estiver interessado e quiser saber o que acontece em tempo real não tem outro remédio senão fazer como eu, que uso os meus olhos, penso pela minha cabeça e tiro as minhas próprias conclusões.

– E, pelos seus cálculos, estamos condenados a ficar presos neste congestionamento?

– Por bastante tempo – afirmou o condutor, assentindo com toda a calma. – Isso posso eu garantir-lhe. Quando o trânsito está assim congestionado, a autoestrada fica um inferno. A reunião é importante?

Aomame pensou um pouco antes de responder.

– Sim, muito importante. Tenho um encontro com um cliente.

– Que pena! Lamento, mas é pouco provável que consiga chegar a tempo.

Ao dizer aquilo, o condutor abanou a cabeça um par de vezes, como se pretendesse aliviar a tensão dos músculos do pescoço. As rugas da nuca moviam-se como uma espécie de criatura pré-histórica. Seguindo o movimento com os olhos de um modo quase inconsciente, Aomame deu por si a pensar no instrumento afiado, guardado no fundo do saco que levava a tiracolo. As palmas das mãos estavam molhadas de suor.

– Que me aconselha a fazer? – perguntou ela.

– Não há nada que *possa* fazer aqui, pelo menos até à próxima saída da autoestrada. Se estivéssemos numa qualquer rua da cidade, havia sempre a hipótese de sair porta fora e apanhar o comboio numa estação aí perto.

– Qual é a próxima saída?

– Ikejiri. Mas nada nos garante que lá cheguemos antes do pôr do Sol.

O pôr do Sol? Aomame imaginou-se fechada naquele táxi até ao lusco-fusco. A música de Janáček continuava a tocar. Os instrumentos de corda, abafados pela surdina, tinham sido colocados à frente, como que para acalmar a sua ansiedade em crescendo. A anterior sensação de torção diminuía em larga medida. Que diabo poderia ter sido aquilo?

Aomame apanhara o táxi perto de Kinuta e, uma vez chegados a Yōga, tinha mandado o condutor seguir pela autoestrada. A princípio, o trânsito fluía sem dificuldades, mas, de repente, antes de Sangenjaya, começou a andar com mais lentidão, e a partir daí ficou quase tudo parado. No sentido contrário, os carros circulavam sem problemas. Só a faixa com destino a Tóquio conhecia aquele engarrafamento monstruoso. Às três da tarde, não era costume a linha Shibuya, em direção ao centro, entupir, razão pela qual Aomame tinha dado indicações ao condutor no sentido de apanhar aquela via.

– A tarifa não vai aumentar por estarmos parados na autoestrada – observou o condutor, enquanto olhava pelo espelho retrovisor. – Por isso, não vale a pena preocupar-se, que não paga mais. Em compensação, calculo que o facto de não chegar a horas ao seu encontro possa constituir um prejuízo, estou certo?

– Claro que sim, mas, pelos vistos, não há nada a fazer.

O homem olhou de soslaio para ela através do retrovisor. Usava óculos de sol com lentes espelhadas. Devido à forma como a luz incidia, Aomame não conseguia distinguir a sua expressão.

– Vendo bem, talvez haja uma possibilidade. A senhora *podia* apanhar o comboio até Shibuya, mas, para isso, teria de tomar uma medida um bocado... drástica.

– Uma medida drástica?

– Uma coisa que não a aconselho a fazer, digamos assim.

Aomame deixou-se estar calada, de olhos semicerrados, à espera do que viria a seguir.

– Olhe, está a ver aquele desvio, onde dá para o carro parar? – perguntou ele, apontando um local mais adiante. – Ao pé do grande letreiro da Esso.

Aomame fez um esforço e lá conseguiu descortinar a escapatória, na berma, onde os carros poderiam imobilizar-se em caso de avaria. Na ausência de margens na autoestrada metropolitana, existiam, a intervalos regulares, alguns desvios destinados a paragens de emergência. Aomame reparou que havia uma cabina amarela para contactar a empresa concessionária da autoestrada. De momento, não se encontrava qualquer viatura ali parada. No telhado de um edifício que separava aquela faixa da faixa contrária, via-se um enorme painel a fazer publicidade à petrolífera Esso. Exibia um tigre sorridente que empunhava uma mangueira de combustível.

– Para dizer a verdade, existe uma escada com ligação ao nível do solo. Destina-se aos condutores que são obrigados a abandonar a viatura em caso de incêndio ou terramoto, e que assim podem descer até à rua. Normalmente, só é usada pelos operários que fazem trabalhos de manutenção. Descendo por essa escada, não muito longe, vai dar a uma estação de comboio da rede de Tóquio. A partir daí, é um instante até Shibuya.

– Não fazia ideia de que houvesse escadas de emergência em plena autoestrada metropolitana – disse Aomame.

– De uma forma geral, quase ninguém sabe.

– E quem me garante que não me vou meter em trabalhos se utilizar as escadas sem autorização, uma vez que não é uma emergência?

O motorista fez uma pausa antes de responder.

– Bom, isso já não sei. Desconheço as regras da concessionária, embora não me pareça que pudessem levantar alguma questão, visto que ninguém sairia lesado. Além do mais, por estas bandas não costuma haver vigilância. A Empresa Nacional de Estradas é

conhecida por ter muitos empregados, mas poucos fazem alguma coisa de jeito.

– Como são as escadas?

– Tipo escadas de incêndio, daquelas que se veem nas traseiras dos edifícios antigos. Não se pode dizer que sejam perigosas, nem nada disso. Devem ter para aí a altura de um prédio de três andares, mas descem-se bem. Existe uma barreira à entrada, que não é assim tão alta quanto isso, e quem quiser pode saltar sem problemas.

– Alguma vez utilizou essas escadas?

Em lugar de responder, o condutor limitou-se a fazer um sorrisinho para o espelho retrovisor interior. Um sorriso que podia ser interpretado de diversas maneiras.

– É uma decisão exclusivamente sua – disse ele, tamborilando ao de leve com a ponta dos dedos no volante, ao ritmo da música. – Se quiser ficar aqui sentada, a ouvir boa música, a mim tanto se me dá como se me deu. Visto que a situação nos ultrapassa e não vamos a lado nenhum, não temos outro remédio senão resignarmo-nos à nossa sorte. Só lhe estou a dizer que, em caso de emergência, *há* certas medidas apropriadas que pode sempre tomar.

Aomame franziu a testa e verificou as horas no relógio. A seguir, ergueu os olhos e estudou os carros que rodeavam o táxi. À direita estava um *Mitsubishi Pajero* preto coberto de uma fina camada de pó branco. O jovem sentado ao volante abriu a janela e fumava um cigarro. Usava o cabelo comprido, estava bronzeado e vestia um impermeável vermelho-escuro. Tinha o porta-bagagens cheio de pranchas de *surf* gastas. À frente seguia um *Saab 900* cinzento. Os vidros fumados, completamente fechados, não permitiam ver nada lá para dentro. A carroçaria estava de tal forma bem encerada que qualquer pessoa poderia ver a sua cara ali refletida.

Diante do táxi encontrava-se um *Suzuki Alto* com uma matrícula amolgada, do bairro de Nerima, no para-choques traseiro. Uma jovem mãe agarrava com força no volante. Ao lado, a filha pequena, aborrecida, não parava quieta. A mãe ralhava com ela, incapaz de esconder o desagrado. Aomame conseguia distinguir o movimento dos lábios. Era rigorosamente a mesma cena a que

assistira dez minutos antes. Nesses dez minutos, o carro devia ter avançado dez metros, se tanto.

Aomame refletiu bem, ordenando mentalmente os factos, um a um, por ordem de prioridade. Não precisou de se esforçar muito para chegar a uma conclusão. Ao mesmo tempo, como que por coincidência, a sinfonia de Janáček entrou no seu movimento final.

Aomame tirou uns óculos de sol *Ray-Ban* do saco de desporto e, a seguir, entregou ao motorista as três notas de mil ienes que sacou do porta-moedas.

– Saio aqui. Não posso chegar atrasada ao tal encontro.

O homem assentiu com a cabeça e aceitou o dinheiro.

– Quer recibo?

– Não é preciso. Pode guardar o troco.

– Obrigado – disse o condutor. – Tenha cuidado com o vento lá fora, não vá perder o equilíbrio.

– Assim farei.

– Só mais uma coisa – acrescentou ele, sem tirar os olhos do espelho interior. – Não se esqueça do que lhe digo: as coisas não são o que parecem.

«As coisas não são o que parecem», repetiu Aomame na sua cabeça.

– O que pretende dizer com isso? – perguntou ela, com a testa franzida.

O taxista escolheu as palavras com todo o cuidado.

– Digo isto porque se prepara para fazer uma coisa *fora do vulgar*. Estou certo ou estou errado? Normalmente, não se vê ninguém descer pelas escadas de emergência de uma autoestrada metropolitana, à luz do dia. Sobretudo tratando-se de uma mulher.

– Lá nisso dou-lhe razão.

– Aí tem. E quando uma pessoa dá esse passo e *faz* uma coisa desse género, é provável que o *cenário* quotidiano... como hei de eu dizer?... pareça mudado. As coisas à nossa volta podem revelar-se um pouco *diferentes* do que é costume. Eu próprio já passei por essa experiência. Contudo, não se deixe iludir pelas aparências. A realidade é apenas uma.

Aomame ponderou as palavras que o condutor acabava de dizer. Entretanto, chegou ao fim a música de Janáček e, ato con-

tínuo, fizeram-se ouvir os aplausos da audiência. Tratava-se de um concerto ao vivo, disso não havia dúvida; faltava saber onde teria sido gravado. A ovação entusiástica parecia nunca mais acabar, e, de vez em quando, ouviam-se gritos de «bravo!». Pôs-se a imaginar o diretor de orquestra a sorrir, enquanto se desdobrava em vénias e mais vénias de agradecimento diante do público que aplaudia de pé. Levantava a cabeça, erguia os braços, apertava a mão ao primeiro-violino, ficava de costas para a audiência, alçava ambos os braços em sinal de apreço pela prestação dos membros da orquestra, virava-se para o público e fazia uma profunda reverência. Ao fim de algum tempo sempre a escutar aqueles longos aplausos gravados, deu-lhe a impressão de estar a ouvir uma interminável tempestade de areia em Marte.

– Realidade, existe apenas uma, sempre o disse – repetiu o condutor, lentamente, como se estivesse a sublinhar uma passagem importante num livro.

– Claro – disse Aomame. O homem tinha razão. Um objeto físico só pode estar num determinado momento e num determinado lugar. Einstein demonstrou isso mesmo. A realidade é profundamente imperturbável e solitária do princípio ao fim.

Aomame apontou para o sistema estereofónico.

– Grande som.

O motorista concordou com a cabeça.

– Como se chamava o tal compositor?

– Janáček.

– Janáček – repetiu ele, como se estivesse a memorizar uma palavra de ordem. A seguir, carregou na alavanca que destrancava automaticamente a porta traseira. – Tenha cuidado – disse ele. – Espero que consiga chegar a tempo.

Aomame saiu do táxi levando na mão o saco de pele que costumava usar ao ombro. Através da rádio, continuavam a fazer-se ouvir os aplausos. Seguiu pela margem esquerda da autoestrada, tomando grande cuidado, sempre em direção ao espaço destinado a qualquer desvio de emergência, que ficava dez metros mais adiante. De cada vez que um camião pesado passava em sentido contrário, o pavimento da estrada parecia estremecer – ou, melhor